

A QUESTÃO AMBIENTAL E AS CAPAS DA REVISTA VEJA

PIMENTA, Thiago Albano de Sousa¹; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira²

RESUMO: Este artigo é fruto das atividades desenvolvidas junto ao Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas e parte do princípio que, nos dias de hoje presenciamos a grande disseminação da temática ambientalista nos mais diversos núcleos sociais, na universidade, nas escolas, nos programas televisivos, na mídia impressa, nos pontos de ônibus, etc. Nos mais diversos “lugares”, os temas relacionados com a problemática ambiental acabam vindo a tona, tal notoriedade reflete a repercussão social de um assunto que penetra nas discussões do dia-a-dia, independente da classe social do sujeito. A pesquisa que está sendo realizada trata da análise imagética das capas da revista *Veja*, como um elemento importante do estudo da linguagem geográfica e também para a investigação dos discursos que tratam da questão ambiental.

Palavras-chave: Questão Ambiental. Mídia. Linguagem Geográfica. Análise imagética.

THE AMBIENTAL QUESTION AND THE COVERS OF THE MAGAZINE VEJA

ABSTRACT: This article is result of the activities developed next to the Group of Research Geographic Languages and part of the principle that, nowadays we witness the great dissemination of the thematic ambientalist in the most diverse social nuclei, the university, the schools, the televising programs, the media printed, the points of bus, etc. In the most diverse “places”, the subjects related with problematic the ambient one finish come appear, such notoriety reflects the repercussion social of a subject that penetrates in the quarrels of day-by-day, independent of the social classroom of the citizen. The research that is being carried through deals with the image analysis of the layers of the magazine Sees, as an important element of the study of the geographic language and also for the inquiry of the speeches that deal with the ambient question.

Word-key: Ambient question. Media. Geographic language. Image analysis.

¹ Graduando de Geografia – UNESP Presidente Prudente-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas thiagogeo@yahoo.com.br

² Coordenador do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas

INTRODUÇÃO

A questão ambiental ganhou muito espaço nas redações jornalísticas dos meios de comunicação, é cada vez mais notável a proporção que tal assunto tem na **agenda-setting**³ dos grandes jornais, revistas, canais de TV, sites e entre outros veículos que popularizam ainda mais a questão. No caso da revista Veja, a questão ambiental passou a ser um tema recorrente para as suas capas a partir do final da década de 1980 e começo da década de 1990 como bem ilustra a tabela 1.

Tabela 1: Frequência das capas que englobam a questão ambiental

Ano	Edições	Ano	Edições
1968	0	1989	0
1969	0	1990	0
1970	0	1991	0
1971	0	1992	0
1972	0	1993	0
1973	0	1994	0
1974	0	1995	0
1975	2	1996	0
1976	0	1997	0
1977	0	1998	0
1978	1	1999	0
1979	0	2000	0
1980	0	2001	0
1981	0	2002	0
1982	0	2003	0
1983	1	2004	0
1984	0	2005	0
1985	0	2006	0
1986	0	2007	0
1987	0	2008	1
1988	0	2009	0

³ **Agenda-setting** é um termo utilizado no alfabeto jornalístico que se refere a programação das temáticas que serão as notícias produzidas para a aquela edição jornalística.

No período até o final da década de 1980, nota-se que houve aparições de capas esporádicas que estampam como tema principal a questão ambiental. Desde 1968 a *Veja* está em circulação, porém é apenas em 1975 a primeira edição que traz uma capa que engloba essa temática. Alguns marcos importante para o ambientalismo acontece a partir da década de 1970, como por exemplo, a Conferência de Estocolmo e o Relatório de Brundtland⁴, que foram eventos que trouxeram para a pauta política as problemáticas ambientais. Entretanto a perspectiva ambientalista dominante na época via a problemática ambiental como um problema que era potencializado pela pobreza das populações das regiões mais pobres do mundo, quanto maior era a pobreza menor era disponibilidade tecnológica que estas populações dispunham para manejar os “recursos naturais”.

Porém, os muitos ambientalistas passaram a analisar a questão ambiental articulando esta com uma visão social crítica⁵, questionando a racionalidade moderna, fruto da estruturação e internacionalização das relações capitalistas, e a consolidação do modelo de societário da chamada sociedade de consumo. Os padrões de consumo e conseqüentemente a dinamização mercadológica provocadas por estas relações são os maiores responsáveis pela degradação ambiental, que justamente tem como principio paradigmático, a separação do homem em relação a natureza, cuja origem desse processo podemos identificar com a consolidação do mundo moderno, ou seja, aquele que se originou no período que vai do Renascimento até o Século das Luzes.

“O mundo que vivemos é o mundo da crise desses fundamentos instituídos a partir do Renascimento e do Século das Luzes. Nele a Natureza é dessacralizada. Expulsos os deuses da natureza, ela se transforma em algo objetivo, num mero objeto de nossa dominação antropocêntrica” (GONÇALVES, 2002, p. 376).

Outro evento importante que merece a nossa referência como um marco para o ambientalismo foi a ECO-92, realizada na cidade do Rio de Janeiro em junho de 1992. É interessante notar que neste ano houve no Brasil um crescimento de números de reportagens e matérias jornalísticas que abordavam a temática ambiental, no caso aqui de

⁴ A Conferência de Estocolmo foi um evento realizado no ano de 1972, é um dos marcos mais importantes na luta ambientalista, o maior debate foi voltado a discussão da dualidade entre desenvolvimento e degradação ambiental. O Relatório de Brundtland também é tido com um marco realizado no ano de 1987 onde se estabelece os mais fundamentais pilares da concepção de desenvolvimento sustentável.

⁵ Alguns desses nomes são: Carlos Walter Gonçalves, Enrique Leff e Isabel Carvalho.

nosso estudo, nesse ano a revista Veja publica duas edições com capas do evento (ver Figura 1)⁶ e a partir deste período as capas que estampam a questão ambiental passam a ser mais frequentes na revista, até mesmo porque o evento realizado no Rio foi uma marco para os grandes debates sobre a questão ambiental em escala global.



Figura 1

Fonte: Acervo digital *Veja*

A ECO-92 trouxe como principal discussão a dualidade entre poluição e desenvolvimento, contudo, a forma majoritária com que esta discussão foi focado pela mídia, no caso, a revista *Veja*, tendeu a superficializar os aspectos mais complexos e polêmicos que contribuem para a profunda desigualdade social e econômica, reforçando uma abordagem hegemonicamente praticada pela mídia, no sentido de indicar que a consciência ambiental é um processo bem intencionado que cabe a cada indivíduo exercitar em suas práticas cotidianas. O desdobramentos desse entendimento para os processos de desenvolvimento econômico tendiam a encobrir os fundamentos econômicos da lógica do mercado capitalista, os verdadeiros causadores dos graves danos sócio-ambientais.

Estes são levemente indicados, subsumindo este aspecto ao compromisso que as grandes empresas poluidoras devem assumir em prol da defesa da natureza, assim como podem agregar valor aos produtos através de investimento em padrões produtivos e

⁶Todas as capas encontradas neste trabalho foram coletadas no link do acervo digital da revista *Veja*: <http://www.veja.abril.com.br/acervodigital>.

exploratórios propiciadores do desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade, ou seja, propiciando uma relação harmônica entre exploração dos recursos, concentração de renda e desenvolvimento integrado às práticas do ecologicamente correto. Caso compararmos essa boa intenção e esse discurso midiático da época com o que estamos vivenciando atualmente, fica claro que até hoje não passou de discurso, pois na prática a corrida desenvolvimentista dos países gera através da competitividade mercadológica das grandes empresas cada vez mais danos ao meio ambiente.

O PROBLEMA ATUAL: AQUECIMENTO GLOBAL VENDE NOTÍCIA

A mais atual polêmica ambientalista foi catalisada pela mídia em nível global a partir do tema sobre “Aquecimento Global”, notadamente após as análises catastróficas do IPCC⁷. Um grupo considerável de pesquisadores ambientais, das mais diversas áreas, constatou que o Planeta sofre, principalmente devido à emissão de CO₂, um crescente aumento da temperatura média, cita exemplos de temporadas na qual a Europa sofreu com altas temperaturas no verão.

Um grande ativista conhecido internacionalmente e principal expoente do aquecimento global nos meios de comunicação é o ex-vice-presidente dos EUA da era Bill Clinton, Al Gore, no seu filme documentário produzido no ano de 2005, “Uma Verdade Inconveniente”, no qual tentava demonstrar que quando há uma maior incidência de CO₂ na atmosfera, há a tendência de aumento da temperatura. Fato é que muitos outros cientistas questionaram a veracidade dos dados do IPCC, criticaram a postura catastrofista daqueles cientistas de maneira a colocar em dúvida todo o trabalho daqueles que defenderam a idéia de Aquecimento Global.

A questão ambiental acabou virando espetáculo midiático, permitindo a venda de revistas, filmes, documentários, camisetas com bordões, músicas, shows de música pop em prol da salvação do planeta etc. O tema acabou sendo abordado de forma superficial e sem rigor ou precisão dos dados, apenas servindo para alertar quanto ao perigo iminente do fim do planeta, cobrando assim uma postura individual em que cada um deverá tomar a defesa do ambiente, entenda-se “natureza”, sem questionar a lógica do modelo econômico e os interesses das grandes corporações ou grupos econômicos.

⁷ IPCC; Intergovernmental Panel on Climate Change (Painel intergovernamental sobre mudanças climáticas)

Na Veja, esta temática do aquecimento global, a qual teve seu auge nos anos de 2005 e 2006, torna-se evidente, pois foi justamente nesta época que teve a maior frequência de capas que englobam a temática ambiental da história da Veja, nestes dois anos foram quatro capas, duas em cada ano.

Percebemos que a questão ambiental se tornou a temática constante da agenda-setting os meios de comunicação, porém sempre dando ênfase a episódios e marcos referenciais de alto grau de noticiabilidade. A produção jornalística é movida pela relação de fatores internos e externos que interferem nesse modo de produzir e distribuir informação. Os fatores internos são os de ordem econômica, refere a empresa noticiosa como uma indústria que precisa sobreviver na dura competição do mercado editorial, portanto, deve verdir sua mercadoria para poder acumular capital. Normalmente, estes fatores estão vinculados com os interesses conjuntos entre os parceiros comerciais, mídia e empresas anunciantes.

Os fatores externos são culturais, nascem das relações entre os sujeitos, que constitui os anseios e completudes da sociedade, o que as pessoas querem consumir como notícia. Por isso o estudo do alfabeto jornalístico se torna um dos importantes elementos para entendermos as relações sócio-espaciais, assim como a interpretação da capa da revista é alicerce deste tipo de olhar tão necessário.

ANÁLISE DAS CAPAS

Selecionamos duas capas que contém elementos interessantes para ser interpretados, capas que englobam a temática ambientalista. A primeira traz uma reportagem sobre a ECO-92 e a segunda trata na reportagem sobre vários problemas ambientais mais relacionados com as questões do aquecimento global. Faremos dois exercícios de análise e interpretação das capas, fazendo uso de referenciais semióticos⁸ e emprego de técnicas desenvolvidas pela teoria da Gestalt aplicadas a produção artística e análise de mensagens visuais⁹, como forma de ilustrar os processos interpretativos por

⁸Semiótica é empregada aqui a partir dos estudos realizados por Charles Sanders Peirce e, principalmente, Algirdas Julien Greimas, ou seja, como teoria ou ciência geral nas análises dos signos, tanto os de ordem linguístico com os de caráter imagéticos. Para mais detalhes ver Santaella (1983) e Pietroforte (2004).

⁹Gestalt é uma teoria da psicologia que considera como as formas das coisas e objetos são percebidos pelos homens no contexto de suas relações e condições. Aplicada na produção artística e, posteriormente, na análise de mensagens visuais, estabeleceu diálogos com a semiótica e permitiu, a partir de seus elementos

meio de ferramentas diversas, mas que podem contribuir para os objetivos de quem estuda tais linguagens, como no nosso caso, analisar palavras e imagens presentes nas mensagens das capas da revista *Veja*.

CAPA 1:

Esta capa foi produzida na edição da revista *Veja* do dia 22 de abril de 1992 (Figura 2). Traz como assunto principal a conferência internacional sobre meio ambiente realizada na cidade do Rio de Janeiro.



Figura 2: Capa 1
Fonte: Acervo digital *Veja*

analítico/interpretativos como a [tendência à estruturação](#), a [segregação figura-fundo](#), a [pregnância](#) ou boa forma e a [constância perceptiva](#), entender a melhor organização das mensagens midiáticas. Ver Gomes Filho (2000) e Arnheim (1997).

A figura do homem segurando um globo terrestre nas mãos talvez seja a parte da figura mais emblemática, contudo, as palavras *ECO 92* é o ponto essencial da capa e eixo principal da significação desta composição, pois ela cumpre a função de delimitar a polissemia da imagem se referindo a conferência e uma das problemáticas que fez parte das discussões científicas desta, a questão entre desenvolvimento econômico e a poluição daí decorrente. O rosto do homem tem praticamente a mesma tonalidade de cor que o fundo da figura, reforçando o sentido de neutralidade marrom amarelada, caminhando para cores mais fortes, sinalizadoras de perigo, como o vermelho e a cor preta. Esta última se encontra presente no enquadramento retangular das palavras, assim como nas palavras em destaques, e no paletó do homem que segura a reprodução colorida azulada, cor da vida, do globo terrestre, o qual está com uma máscara de oxigênio, reforçando o sentido de conflito entre a riqueza natural da Terra e o preço perigoso do progresso.

Quanto à ordem dos textos, percebemos três distintos elementos textuais;

E1- POLUIÇÃO E DESENVOLVIMENTO

E2- A GRANDE BRIGADA ECO 92

E3- Maurice Strong organizador da conferência sobre ecologia, a se realizar no Rio em junho.

Tanto o E1 como o E2 estão situados no eixo central com maior pendência à esquerda; em relação ao E1, há relação de contigüidade entre texto e imagem, pois implicitamente a palavra poluição está presente na representação do globo terrestre com a máscara de oxigênio. O E2 não tem relação de contigüidade com a imagem da capa, porém ela estabelece uma relação simbólica, que só é completa pela relação estabelecida com os outros textos, que delimitam a mensagem, e apresenta o sujeito da foto; o E2 traz no seu significado textual, algo que não está sendo representado na imagem. O E3 tem a função clara de legenda, ela é utilizada para descrever o sujeito da foto, e qual é a sua importância no contexto apresentado na composição semântica, no caso, o organizador do evento destacado pela capa.

É interessante destacar que possivelmente nos dias de hoje esse primeiro elemento textual, o E1, receberia outra denominação, no caso “*desenvolvimento sustentável*”¹⁰.

¹⁰ Para melhor esclarecer o que se entende por desenvolvimento sustentável, façamos uso da definição assumida pelas agências governamentais que tratam da questão, ou seja, “*é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental*”. Vide site: http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/.

Este conceito é usualmente recente e de maneira sucinta explicativo da dualidade entre problemática ambiental e desenvolvimento econômico, que foi e é a discussão mais forte da questão ambiental. Esse novo conceito une as qualidades “ambientalmente corretas” e a possibilidade de desenvolvimento dentro desses novos parâmetros ambientais.

Analisando a distribuição dos objetos presentes na capa, percebemos uma composição que possui um formato Z (figura 3), que se inicia do canto superior esquerdo e termina no canto inferior direito, o percurso do olhar primeiro nota o elemento textual E1 e E2, depois se desloca para a figura do homem, mais adiante para o globo terrestre e enfim termina na legenda no canto inferior direito.



Figura 3
Fonte: Acervo digital *Veja*

O equilíbrio da mensagem visual é balanceado pelo peso dos elementos textuais no canto esquerdo e pelo peso da figura do homem com o globo no lado direito da figura. A composição da capa tem uma proposta de assimilação *clean*, de transmitir a mensagem de maneira minimalista, utilizando-se de elementos leves e de poucos pesos visuais e

textuais. Uma interpretação possível que podemos ter a partir da análise da simbologia da imagem do homem segurando o globo terrestre é a relação que pode ser estabelecida com o significado de que o homem moderno exerce grande dominação na natureza, ou melhor ainda, da responsabilidade que cabe ao homem atual para com o futuro do planeta.

Através dos conhecimentos científicos, e das inovações tecnológicas que estes proporcionaram, constituíram a dominação da natureza pelo homem. A representação do mundo se torna pequena em relação a representação do homem, estabelecendo uma forma simbólica de qual elemento é mais importante, o homem é mais forte que a Terra, talvez seja essa impressão que fica quando analisada a figura por esse ponto de vista.

CAPA 2:

Esta capa está presente na edição da revista *Veja* do dia 18 de abril de 2001 (figura 4), ela traz a figura de uma paisagem polar destacando a emergência da discussão ambiental sobre o derretimento das geleiras e outras questões que englobam a problemática ambiental.

A imagem desta capa ilustra uma superfície aquática de uma região fria, podendo ser próximo ao pólo norte devido às características físicas da paisagem, pois não há uma identificação clara do lugar ali apresentado. Percebemos um ambiente frio com alguns blocos de gelos derretendo, provavelmente devido ao aquecimento atmosférico; destaca-se o bloco no qual sobre ele está uma Morsa, típico mamífero das regiões frias do oceano Ártico, tendo ao fundo um barco. Esta capa é rica em elementos textuais, contendo quatro enunciados diferentes:

E1- A VINGANÇA DA NATUREZA

E2- O efeito estufa já derrete as geleiras

E3- Um bilhão de habitantes não têm água potável e dois terços das florestas foram destruídos

E4- Os métodos artificiais de criação de vacas e ovelhas geraram monstros genéticos e a doença da vaca louca

A hierarquia que se nota entre os elementos textuais, é evidente, o E1 é o elemento mais importante dos textos, o E2, E3 e o E4, menores, possuem o mesmo tamanho e fonte; porém, a importância pode ser julgada pela posição na qual se encontra esses elementos: os posicionados mais acima têm maior visibilidade do que aqueles que estão posicionados na parte inferior.



Figura 4
Fonte: Acervo digital *Veja*

O E1 traz um título forte, de impacto, de característica cênica, se assemelha a títulos de filmes cinematográficos, até a sua forma parece ser inspirada na chamada inicial dos filmes da saga de *Stars Wars*. A fonte da letra está inclinada no mesmo grau da dimensão óptica da fotografia, dando a sensação de profundidade com o recurso visual que faz com que, mesmo numa superfície plana como o das capas, uma palavra pareça mais distante que a outra. É notável também a utilização do recurso que faz com que a fonte do E1 fique ondulada, de maneira a condizer com a superfície aquática na qual está sobreposta. Entretanto o E1 não mantém relação de contigüidade com a imagem fotográfica, pois na foto não está claro ainda à relação proposta entre capa e texto, no caso o E1.

No E2 podemos notar que a relação entre texto e imagem começa a ficar mais clara, pois este texto trata do derretimento das geleiras, e a imagem representa uma região polar, se compararmos com os outros enunciados veremos que o E2 é o único que mantém relação direta de significação com a imagem da capa, traduzindo e delimitando

a mensagem a ser observada na imagem da capa. Outra característica presente nesse elemento textual é o seu caráter alarmista, trazendo a tona a causa do derretimento das geleiras, no caso, o efeito estufa, se utilizando do pronome “já” para enfatizar a problemática.

O E3 também não mantém relação clara com a imagem da capa da *Veja*, a relação que este elemento tem nesta composição semântica se estabelece com o E1, que agrega de maneira genérica a questão ambiental como um todo. Uma das problemáticas da questão ambiental trata da escassez de água potável no planeta, outra problemática também encontrada no E3 é o desmatamento. O E3 traz consigo dados que reforçam a afirmação discursiva geral do texto, 1 bilhão e dois terços, acabam sendo elementos discursivos característico desse jornalismo que tenta de maneira genérica se aproximar do discurso científico, dando a informação e “comprovando” com os dados e números que dão o ar de veracidade à informação.

E4, assim como o E3, se aproxima como significante do E1, e não há clara relação com a imagem da capa. No E4 a vingança da natureza está materializada nos “monstros genéticos e a vaca louca”, que seria o efeito da interferência do homem na natureza genética dos animais, no exemplo do E4 está a vaca e a ovelha. Novamente notamos que a exploração do recurso textual na capa acima no elemento E4 carregada uma carga de alarmismo, trazendo palavras de conotação negativas como “*monstros*” e “*doença*”, que reforça o impacto negativo que o discurso tenta empregar sobre as temáticas da capa.

Podemos observar que as técnicas de sobreposição e de grande profusão de elementos visuais e textuais é a mais recorrente nesta composição, é uma capa complexa com riqueza de informações. Nesta capa se manifesta com maior relevância os elementos textuais, a sua força informativa visa chamar mais a questão, faz com que seu apelo seja maior do que a figura. Os enunciados ocupam quase que a metade da capa, deixando clara a sua predominância nesta composição semântica.

A cor do E1 segue a linha cromática do branco dos blocos de gelo, havendo uma continuidade; o E2, E3 e o E4 apresentam uma cor clara mais azulada, se comparado ao branco do E1, este tom de azul mantém a característica geral desta capa com predominância de cores frias, e se diferencia do E1 pelo posicionamento numa superfície deferente(?) com um fundo preto, não integrado a fotografia posicionada acima.

A fotografia também realça as cores frias, conectando-se com a temática preocupante e ameaçadora das problemáticas ambientais destacadas nesta capa; essa figura, se separada dos elementos textuais, pode ter várias possibilidades de interpretações, pois, como já foi dito anteriormente, o E1 se estabelece como elemento delimitador dessas possíveis interpretações, direcionando o olhar e qual a mensagem a ser

percebida. Entretanto, pelas práticas recentes e o grande uso dessas fotografias de regiões frias do mundo, às vezes apenas alterando os animais retratados, como ursos polares ou pingüins, através da grande vinculação e ligação imagética dessas representações com produções midiáticas que tratam do derretimento das geleiras, aquecimento global, efeito estufa, muitas vezes direcionamos nossos olhares antes mesmo de haver a necessidade da leitura do texto “delimitador”, quando deparamos imagens como essa nos veículos midiáticos.

A figura da Morsa na beirada de um bloco de gelo passa a sensação de desequilíbrio, pois a impressão que fica é a eminente possibilidade desta beirada se romper devido ao peso do animal. O que pode estar por traz dessa representação é a sensação de tensão entre uma suposta harmonia em franca desestruturação devido a intervenção humana nessa ordem, como indica a presença do barco ao fundo da imagem. Simbolicamente, esta cena reforça o sentido de risco que o animal (natureza) está passando, de que pode estar acontecendo alguma coisa negativa a qualquer momento, no caso uma desordem natural provocada pela ação do homem nesse meio.

Na composição também se encontra vários elementos de conotação negativa, como as palavras vingança, destruídos, monstros e doença, que reforçam o discurso do medo, e a supervalorização dos riscos que a capa explora. O fundo preto, da parte inferior, também é uma característica importante desta composição semântica que deve ser investigada. Sabemos que a cor preta no mundo ocidental tem forte conotação de luto, tristeza, de medo, significados que trazem motivações ruins ao que está relacionado a esta cor. Por conseguinte, a cor preta é utilizada pelos designers que trabalham para atender esse fim, ou seja, nesta capa, a presença da cor preta visa relacionar todos os aspectos ditos anteriormente com algo negativo e triste.

CONCLUSÃO

As capas analisadas neste trabalho são referenciais importantes para entendermos como algumas problemáticas ambientais são trabalhadas pela mídia. A capa de revista se manifesta como o elemento imagético mais importante na produção de uma revista, claro que a capa também se faz juntamente com elementos verbais, o que a transforma numa linguagem sincrética, justamente pelo fato de unir a linguagem verbal e não-verbal. Uma boa capa de revista é importante, pois é a cara deste produto midiático, aqueles que produzem a capa, os editores e diagramadores, têm que usar de elementos semiológicos apurados para que possam justificar a finalidade da capa da revista.

Segundo Heberle (2004 p.91) “a capa funciona como uma das mais importantes propagandas da revista”. O elemento visual capa tradicionalmente no jornalismo traz a matéria principal, o assunto da semana.

Entendemos que as capas expressão uma parte significativa da construção do significado que tal veículo midiático quer propor com a sua produção, vivemos num período na qual as imagens são abundantes e elas acabam sendo representações das nossas completudes, dos nossos anseios e das nossas práticas como sujeitos. Podemos notar que no caso das análises apresentadas neste artigo notamos que a mídia aborda ainda a temática ambiental de maneira superficial, não buscando o aprofundamento necessário para uma abordagem de tamanha relevância.

A necessidade que a mídia tem de cumprir suas metas de lucro e rendimentos fazem com que sua produção jornalística se desvirtue no sentido de fazer das notícias sempre algo “sensacional”, para chamar a atenção do público e fazer com que as pessoas comprem suas notícias. Como já foi dito anteriormente a junção dos fatores internos com os externos constituem os que são as notícias hoje. O próprio questionamento do modelo de sociedade, da sociedade de consumo, entre outros valores que estão embutidos nestes conceitos, se torna inviável a esses veículos midiáticos que de maneira direta mantém relações comerciais com as grandes empresas anunciantes que na sua existência afirmam o modelo de sociedade existente.

Questão ambiental observado nestas capas analisadas acaba sendo reduzida a poucos atores, aos heróis protagonistas destas matérias, a redução da responsabilidade ambiental que é diluída para a individualidade das ações, não sendo discutido o quanto a própria constituição ideológica e perceptiva do mundo na qual tem como maior destinação das ações a busca desenfreada pelo desenvolvimento (progresso, modernização, urbanização etc.) pode ser um dos maiores responsáveis pelo desequilíbrio causado no meio ambiente devido a sua lógica predatória.

A **capa 1** traz o organizador Maurice Strong¹¹ com maior destaque representando sempre a busca por figuras, heróis da questão ambiental, e na **capa 2** vemos que os assunto ambientais são tratados de maneira sensacionalista, explorando o fator dos acontecimentos anormais, como as catástrofes ecológicas. A própria seleção do conteúdo jornalístico já é ditado por uma redação que anseia principalmente por uma maior margem de exemplares vendidos por publicação.

¹¹Empresário milionário canadense um dos maiores líderes que englobam à questão ambiental ao interesse dos capitalistas “ecologicamente corretos”, defendendo a idéia de desenvolvimento sustentável.

É evidente o crescimento da temática ambiental nos veículos midiáticos, porém a distância entre boas abordagens jornalísticas que trabalhem a temática de maneira profunda e o que está acontecendo nas produções midiáticas atuais ainda é grande, já que como foi alertado a temática ambiental ainda é abordada de maneira sensacionalista, e com um questionamento que não passa da revisão das ações individuais, não trabalhando o como a razão desenvolvimentista acaba por agravar a problemática ambiental em todas as escalas de observação.

Para os educadores e geógrafos que atuam como professores o que fica é a necessidade de trabalhar as problemáticas em sala de aula, pois a informação que os alunos absorvem no cotidiano nos meios de comunicação é uma informação produzida como mercadoria e não pode ser por si só a única forma de conhecimento que o sujeito deve se instruir. Todas as vezes que notamos os professores trabalhando com as crianças a questão ambiental plantando árvores, fechando as torneiras d água, e outras atitudes que reproduzem apenas gestos vazios de conteúdo, distanciamos ainda mais de postura desejada para com o meio ambiente, salvar o planeta se resume a fechar as torneiras e plantar árvores. Segundo José Lazaro Alonso Júnior.

“o trabalho do professor em sala de aula no tratamento da questão ambiental acaba por cair nesse vazio gestual e individualizante, contentando-se com o reproduzir, por parte dos alunos, os nomes, atitudes e procedimentos sem a devida significação lógica e política destes termos e ações.” (JÚNIOR, 2008, p.21)

Daí a necessidade de analisar como a questão ambiental está sendo trabalhada na mídia de forma que possamos entender os aspectos que moldam as opiniões acerca dessa temática e qualificarmos o nosso olhar. Muitas vezes notamos que os próprios educadores não trabalham bem as problemáticas ambientais, ao abordar em sala de aula tais temáticas, trabalham os assuntos que necessitam de uma maior abstração locacional, afastando do aluno a problemática ambiental, pois os assuntos tratam do lugar não existencial do aluno, são lugares distantes, e normalmente esses temas são os mais reproduzidos pela mídia que aborda tais temáticas com superficialidade e sem contextualização prévia.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual – uma psicologia da visão criadora**. São Paulo:Pioneira, EDUSP, 1997.

- BAGDIKIAN, Bem H. **O monopólio da mídia**. Tradução de Maristela M. de Faria Ribeiro. São Paulo: Página Aberta, 1993.
- BARCELLOS, Gilsa H. A Crise Ambiental e a Mercantilização da Natureza. In: HISSA, Cássio E. V. (Org.) **Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte Ed. UFMG, 2008, p. 109-124.
- CARVALHO, Isabel C.M. **Educação Ambiental – a formação do sujeito ecológico. Educador ambiental e as leituras da natureza**; A educação ambiental no debate das idéias – elementos para uma EA crítica. São Paulo: Cortez, 2006).
- COELHO, Lílian R. JULIÃO, Larissa. **Análise da construção do discurso ambiental pela Revista Veja a partir das capas sobre a Amazônia**. Signum: Estudos da Linguagem, Vol. 11, No 2 (2008).
- DONDIS, A. **Donis Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1990.
- GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma**. Sao Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- GONÇALVES, Carlos W. P. **A Invenção de Novas Geografias: a natureza e o homem em novos paradigmas**. Rio de Janeiro, Editora Lamparina, 2007.
- GONÇALVES, Carlos W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1998.
- HEBERLE, Viviane M. **Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de idéias?** Linguagem em (Dis)curso, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão: Ed. Unisul, v.4, n.esp, p. 85-112, 2004.
- JÚNIOR, José L. A. **Proposta de Educação Ambiental para as escolas municipais de Presidente Prudente/SP**. Presidente Prudente, UNESP, 2008.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PIETROFORTE, Antônio V. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

PIMENTA, T.A. de S.; FERRAZ, C.B.O.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIEIRA, Wilder M. **Análises das matérias de capa da Revista Veja: Estudo do estilo Magazine, dos critérios de noticiabilidade e da responsabilidade na produção jornalística**. Belo Horizonte: UNI-BH, 2005.